



**Ivan Vale de Sousa
(Organizador)**

**A Produção do Conhecimento
nas Letras, Linguísticas e Artes**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-228-9

DOI 10.22533/at.ed.289190204

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Como o conhecimento é produzido? Onde se produzem conhecimentos? Qual a necessidade de produzi-los? Por que produzir conhecimentos na sociedade contemporânea? Quem são os autores que produzem os mais variados conhecimentos? Quais áreas do conhecimento são as responsáveis pela construção do próprio conhecimento? Responder todas essas questões significa propor uma reflexão discursiva e ampla.

O conhecimento é construído como propostas capazes de transformar as experiências dos sujeitos na sociedade. Produz-se conhecimentos nas academias, nas escolas e nos espaços não formais de ensino, porque a constituição do conhecimento estabelece-se com as propostas de letramento. A justificativa de produzir conhecimentos na sociedade contemporânea parte da necessidade de comunicação dos sujeitos com seus semelhantes.

Os falantes de Língua Materna são os responsáveis, autores e protagonistas na produção de conhecimentos, por isso não existe uma única área específica em que a formulação da ciência é estruturada, problematizada e proposta como ação reflexiva.

Esta Coleção traz ao leitor diferentes trabalhos das mais diversas áreas e estéticas. São trinta trabalhos que têm a finalidade de inserir os leitores nos mundos revelados por cada texto, porque cada textualidade é única, mas, ao mesmo tempo, plural por tornarem habitados os espaços comunicativos e interativos do texto como eventos de comunicação entre produtores, leitores e interlocutores.

A finalidade do primeiro capítulo enfoca um estudo do neologismo, demonstrando os neologismos criados como empréstimos linguísticos em diversas áreas. No segundo capítulo, as autoras discutem a organização das práticas de ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio do Instituto Federal de Goiás à luz das propostas da Base Nacional Comum Curricular. No terceiro capítulo, a autora apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada em 2014 sobre a consciência fonológica e os possíveis benefícios para o ensino-aprendizagem de língua espanhola.

A discussão do quarto capítulo traz à tona as contribuições de Mikhail Bakhtin no ensino da linguagem, fazendo um breve passeio pelo Círculo de Bakhtin, demonstrando as fronteiras discursivas no trabalho com a linguagem. No quinto capítulo um estudo lexical de uma temática instigante é discutido. No sexto capítulo, a autora propõe um estudo investigativo a partir do gênero textual *charge* como proposta discursiva na rede social *facebook*.

No sétimo capítulo, as autoras discutem a leitura e a produção de inferências nas provas de Língua Portuguesa do Processo Seletivo de Avaliação Seriada de uma instituição federal mineira, analisando, sobretudo, a desenvoltura dos candidatos. No oitavo capítulo o ensino de língua, literatura e cultura parte da utilização do gênero textual *crônica* como instrumento de ensino e aprendizagem. O nono capítulo traz os resultados sobre a intertextualidade explícita a partir da utilização e discussão dos

verbos *dicendi*.

No décimo capítulo, a autora examina alguns casos em que a transmídia fora utilizada por editoras brasileiras como ferramenta de criação de mídias suplementares aos livros produzidos. No décimo primeiro capítulo analisa-se o modo como a leitura é realizada pelo leitor, observando quais são os fatores determinantes para a interpretação e a compreensão de tirinhas na concepção pragmática. No décimo segundo capítulo é apresentada uma pesquisa em andamento que enfoca o estudo do léxico empregado nos livros didáticos de Português como Língua Adicional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras ocupam-se em analisar a segunda versão da Base Nacional Comum Curricular, mais precisamente do estudo do componente de Língua Portuguesa e de como a Literatura integra a referida versão do documento. No décimo quarto capítulo, os autores investigam as práticas situadas de letramento na elaboração do procedimento sequência didática por professores do ciclo de alfabetização, inseridos no Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa. No décimo quinto capítulo, dois motivos são apresentados pelo autor no que se refere às políticas linguísticas e na promoção do processo de ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos no Brasil.

No décimo sexto capítulo são relatados experiências e desafios da criação de um curso de Português – Língua Estrangeira, em Dar es Salaam, na Tanzânia. No décimo sétimo capítulo, as autoras trazem à discussão uma experiência de utilização de textos literários de autores brasileiros e latino-americanos, como Machado de Assis, Gabriel Garcia Márquez e outros no processo de ensino. O décimo oitavo capítulo discute a propriedade da literatura de relativizar muitos dos conhecimentos pragmáticos formadores dos indivíduos por meio do imaginário, o que possibilita ao leitor desenvolver, de maneira reflexiva, a subjetividade.

No décimo nono capítulo, a autora estuda textos literários multimodais como viés de contribuição e de compreensão das possibilidades interpretativas. No vigésimo capítulo, os autores apresentam esforços investigativos parciais no campo da filosofia da linguagem, na perspectiva de uma abordagem bakhtiniana. Já no vigésimo primeiro capítulo há a realização reflexiva acerca da literatura que trata das questões discutidas em toda a reflexão.

No vigésimo segundo capítulo, a autora analisa registros linguísticos em túmulos e lápides das línguas eslavas, polônês e ucraniano, faladas no interior do Paraná na relação com a identidade étnica dos descendentes de imigrantes eslavos. No vigésimo terceiro capítulo são averiguadas questões inseridas no âmbito da dublagem/legendagem que surgiram em consequência do processo de tradução audiovisual do objeto deste estudo. No vigésimo quarto capítulo, a autora discute algumas ideologias linguísticas presentes em comunidades de Prudentópolis sobre as línguas portuguesas e ucranianas.

No vigésimo quinto capítulo, as autoras debatem um texto de Jean Paul Bronckart, da Universidade de Genebra. No vigésimo sexto capítulo, a autora estuda a carta

rogatória como linha tênue na tradução entre o Português Brasileiro e o Italiano. No vigésimo sétimo capítulo, as autoras discorrem sobre a linguagem cinematográfica e as Línguas de Sinais promovendo um paralelo entre a Cultura Surda e o gênero *cinema* como artefato cultural.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute os processos de criação e produção das imagens em processo de ensino e aprendizagem nas escolas de educação básica, considerando-se, com base na abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano. No vigésimo nono capítulo são estudadas as estratégias de tratamento da afasia sob a perspectiva da neurolinguística discursiva e, no trigésimo e último capítulo da coletânea, os autores apresentam reflexões sobre o trabalho “Disponíveis”, ou seja, um conjunto de fotografias e vídeos em que se nota uma sequência de *outdoors* obsoletos presente ao longo de uma rodovia que liga as três cidades: Brasília – Distrito Federal, Alexânia e Anápolis – Goiás.

Todas as reflexões propostas no primeiro volume desta coletânea cumprem a finalidade de ensinar, comunicar e propor a interação dos sujeitos, na função de leitores e interlocutores dos textos. Assim, os votos direcionados aos investigadores desta Coleção são de que consigam ampliar os saberes e a partir deles estabeleçam as conexões comunicativas necessárias no exercício cidadão e linguístico das ciências da linguagem.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A FORMAÇÃO DE NOVAS UNIDADES LEXICAIS: NEOLOGISMOS	
Hendy Barbosa Santos	
Francisca Jacyara Matos de Alencar	
Elayne Sared da Silva Morais	
DOI 10.22533/at.ed.2891902041	
CAPÍTULO 2	9
ORGANIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE REFLEXIVA	
Aline Rezende Belo Alves	
Jane Faquinelli	
DOI 10.22533/at.ed.2891902042	
CAPÍTULO 3	18
CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Fabiana Soares da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2891902043	
CAPÍTULO 4	34
BAKHTIN NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E NO ENSINO DA LINGUAGEM	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.2891902044	
CAPÍTULO 5	47
ESTUDO LEXICAL DE UM PROCESSO CRIME DE ESTUPRO DO INÍCIO DO SÉCULO XX – 1911	
Claudice Ferreira Santos	
Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.2891902045	
CAPÍTULO 6	54
LEITURA DE CHARGES E DISCURSOS JUVENIS: UMA ABORDAGEM SOBRE CIDADANIA NO FACEBOOK	
Edilaine Gonçalves Ferreira de Toledo	
DOI 10.22533/at.ed.2891902046	
CAPÍTULO 7	66
LEITURA E PRODUÇÃO DE INFERÊNCIAS EM PROCESSOS SELETIVOS DE AVALIAÇÃO SERIADA	
Claudia Alves Pereira Braga	
Mauriceia Silva de Paula Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.2891902047	
CAPÍTULO 8	76
LITERATURA BRASILEIRA COMO INTERAÇÃO NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Maria José Nélo	
DOI 10.22533/at.ed.2891902048	

CAPÍTULO 9	89
O PAPEL DOS VERBOS DICENDI NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: PONTOS DE UM <i>CONTINUUM</i> ARGUMENTATIVO	
Alcione Tereza Corbari Quézia Cavalheiro M. Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.2891902049	
CAPÍTULO 10	101
O USO DA TRANSMÍDIA POR EDITORAS BRASILEIRAS: ALGUNS PROJETOS EDITORIAIS	
Camila Augusta Pires de Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020410	
CAPÍTULO 11	110
TIRINHAS: LEITURA, INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO, SEGUNDO O MODELO PRAGMÁTICO	
Onici Claro Flôres Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020411	
CAPÍTULO 12	124
VERIFICAÇÃO DE FREQUÊNCIA LEXICOLÓGICA PARA A CLASSIFICAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ADICIONAL	
Maryelle Joelma Cordeiro Carlos Antônio de Souza Perini	
DOI 10.22533/at.ed.28919020412	
CAPÍTULO 13	136
O CURRÍCULO PROPOSTO NA BNCC E A FORMAÇÃO EM LETRAS	
Taíse Neves Possani Elisa Isabel Schäffel	
DOI 10.22533/at.ed.28919020413	
CAPÍTULO 14	145
O USO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS POR PROFESSORES ALFABETIZADORES EM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA: ANÁLISE E DISCUSSÃO	
Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti Rosiene Omena Bispo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020414	
CAPÍTULO 15	154
POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS BRASILEIRAS E LÍNGUAS PARA FINS ACADÊMICOS: UMA BREVE ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DOIS PROGRAMAS NACIONAIS	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28919020415	
CAPÍTULO 16	165
A FORMAÇÃO DE UM CURSO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA NA TANZÂNIA: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS	
Jean Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.28919020416	

CAPÍTULO 17	174
A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA DE ENSINO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR	
Maria Aparecida de Castro	
Maria Aparecida Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.28919020417	
CAPÍTULO 18	185
A LEITURA LITERÁRIA NA AFIRMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE	
Simone Aparecida Botega	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.28919020418	
CAPÍTULO 19	192
A LITERATURA INFANTIL EM DIFERENTES SUPORTES: POSICIONANDO LEITORES E ESPECTADORES E GERANDO POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS	
Verônica Coitinho Constanty	
DOI 10.22533/at.ed.28919020419	
CAPÍTULO 20	210
A PALAVRA E A RELAÇÃO EU/OUTRO NA PRODUÇÃO DO SABER	
Antônio Matosinho de Sousa Júnior	
Alessandra Pereira Carneiro Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.28919020420	
CAPÍTULO 21	218
A MEMÓRIA DE TRABALHO E SEU PAPEL NA APRENDIZAGEM, EM ESPECIAL, DA LEITURA	
Lidiomar José Mascarello	
DOI 10.22533/at.ed.28919020421	
CAPÍTULO 22	230
A VOZ DO SILÊNCIO: REGISTRO DE LÍNGUAS ESLAVAS EM CEMITÉRIOS NO INTERIOR DO PARANÁ	
Luciane Trennephol Da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020422	
CAPÍTULO 23	244
A TRADUÇÃO DAS ONOMATOPEIAS EM <i>SANZOKU NO MUSUME</i> , <i>RONJA</i> : MUITO ALÉM DO TIC-TAC	
Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado	
Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão	
DOI 10.22533/at.ed.28919020423	
CAPÍTULO 24	257
AS IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS PRESENTES NOS USOS DA LÍNGUA UCRANIANA NA CIDADE DE PRUDENTÓPOLIS - PR	
Vanessa Makohin Costa Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020424	

CAPÍTULO 25	267
BREVE DEBATE ACERCA DO QUADRO EPISTEMOLÓGICO SOBRE A ATIVIDADE DE LINGUAGEM DE BRONCKART	
Érika Christina Kohle	
Stela Miller	
DOI 10.22533/at.ed.28919020425	
CAPÍTULO 26	280
CARTA ROGATÓRIA: A TÊNUE LINHA TRADUTÓRIA ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O ITALIANO	
Karla Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.28919020426	
CAPÍTULO 27	291
CINEMA SURDO COMO ARTEFATO CULTURAL: LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E LÍNGUA DE SINAIS	
Halyne Czmola	
Kelly Priscilla Cezar Lóddo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020427	
CAPÍTULO 28	305
CRIAÇÃO E PRODUÇÃO DE IMAGENS NOS CONTEXTOS ESCOLARES DO SÉCULO XXI	
Rosana de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.28919020428	
CAPÍTULO 29	315
DE QUE MODO A NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA PODE CONTRIBUIR PARA O TRATAMENTO DA AFASIA	
Maristela Schleicher Silveira	
Maíra da Silva Gomes	
Maica Frielink Immich	
DOI 10.22533/at.ed.28919020429	
CAPÍTULO 30	324
DESLOCAMENTO, ENTROPIA E FOTOGRAFIA: REFLEXÕES A CERCA DE “DISPONÍVEIS”	
Pedro Emmanuel Assis Lara Lacerda	
Vicente Martínez Barrios	
DOI 10.22533/at.ed.28919020430	
SOBRE O ORGANIZADOR	335

LITERATURA BRASILEIRA COMO INTERAÇÃO NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

Maria José Nélo

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA,
Departamento de Letras
São Luís - Maranhão

RESUMO: Neste estudo, o ensino de língua, literatura e cultura decorre do texto, gênero crônica, como meio de interação de ensino-aprendizagem de língua portuguesa. Tem por objetivo oportunizar, aos discentes estrangeiros, incursões sobre a literatura brasileira e as ocorrências lexicais que designam a culinária, com enfoque em designações e em expressões linguísticas que nomeiam a culinária maranhense; Trata também da relação de saberes instituídos pelas designações da culinária e de implícitos culturais relativos às raízes históricas transmitidas e amalgamadas por grupos sociais distintos, que contribuíram com hábitos e costumes representativos “do gosto da gente” e dos outros. Assim a produção, a seleção ou a adoção de qualquer material didático devem ser propícios a interação e a adequação aos contextos discursivos, às percepções e às demandas de ensino-aprendizagem, para servirem de insumo para uma interação mais autêntica e relevante. A produção de conhecimentos representados em língua constitui meio de interação simbólica que propicia aos alunos e professores tratarem

de saberes sociais transmitidos por meio de diferentes discursos, os quais guiam as ações individuais nas interações com outros grupos, à medida que tomam consciência de sua própria cultura. Procedimentos teóricos e metodológicos corroboraram com as práticas das aulas, com vistas a atender aos interesses e às necessidades dos alunos, ao se depararem com outras tradições, outros costumes e modos alimentares circunscritos no cotidiano. Nesse sentido, a literatura remete à liberdade de escrita, documenta época, história, fatos, acontecimentos, e o aluno estrangeiro poderá acionar diferentes olhares a respeito de manifestações literárias e culturais brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero literário; Interação; Ensino-aprendizagem; Léxico e cultura.

ABSTRACT: In this study, the teaching of language, literature and culture stems from the text, a chronic genre, as a means of interaction between teaching and learning of Portuguese language. It aims at providing opportunities to foreign students, incursions on the Brazilian literature and the lexical occurrences that designate the culinary, focusing on designations and linguistic expressions that name the cuisine maranhense; It also deals with the relationship of knowledge instituted by the designations of culinary and cultural implicit related to

the historical roots transmitted and amalgamated by different social groups, which contributed to the habits and customs representative “of the Taste of People “and others. Thus, the production, selection or adoption of any didactic material should be conducive to interaction and adequacy to the discursive contexts, to the perceptions and to the demands of teaching-learning, to serve as input for a more authentic and relevant interaction. The production of knowledge represented and M language constitutes a means of symbolic interaction that provides students and teachers with social knowledge transmitted through different discourses, which guide individual actions in interactions with Other groups as they become aware of their own culture. Theoretical and methodological procedures corroborated the practices of the classes, in order to meet the interests and needs of the students, when faced with other traditions, other customs and food modes circumscripts in daily life. In this sense, the literature refers to the freedom of writing, documents time, history, facts, events, and the foreign student may trigger different perspectives about Brazilian literary and cultural manifestations.

KEYWORDS: Literary genre; Interaction Teaching-learning; Lexicon and culture.

1 | INTRODUÇÃO

A literatura brasileira ocupa função eminentemente social e cultural no ensino de língua portuguesa para estrangeiros; constitui socialização de leituras em diferentes contextos individual, social e histórico de experiências dos aprendizes; e, para o regente das aulas, a literatura, como arte da palavra, permite a realização de leituras prazerosas refletidas pela seleção lexical explícita em texto.

Nesse sentido, este estudo tem por tema uma reflexão sobre o oferecimento de texto da literatura no ensino de língua portuguesa para estrangeiros - LPE. Propõe-se a apresentar alguns resultados de práticas realizadas em aulas para alunos estrangeiros de diferentes procedências e com interesses diversos no aprendizado da nova língua. Ilustra-se, o caso das experiências com alunos provenientes de alguns países da África durante o curso ministrado na Universidade Estadual do Maranhão, em julho de 2018, cuja finalidade foi de acolher aqueles africanos, encontrados à deriva na baía de São José, próximo à capital, São Luís - Maranhão. Participaram do curso, com duração de 60 horas/aulas, 18 alunos - todos homens, cuja faixa etária estava entre 18 a 49 anos de idade, falavam mais de duas línguas, tinham escolaridade variada e até analfabetos.

Para aprendizes e professores, o texto literário expressa ainda valores, implícitos socioculturais e identitários do contexto a que pertencem as manifestações prosaicas do texto como o fazer da culinária, o nomear de pratos e o transformar de iguarias comestíveis. No contexto de ensino de língua portuguesa para estrangeiros - LPE, por meio de crônicas e outros gêneros textuais, escritores tornam-se coadjuvantes imprescindíveis nas aulas de leitura. Na medida em que os aprendizes são orientados a lerem o texto selecionado, eles deveriam destacar palavras desconhecidas, das

quais gostariam de saber significados e sentidos; assim, pôde-se afirmar que ler não é um ato solitário e individual, implica troca de sentidos, permite aberturas de portas do mundo significado ao outro, compreendidos como compartilhamentos de visões de mundo do escritor, do professor, do aprendiz.

Por conseguinte, a iniciativa de usar texto literário em sala aula deveu-se ao fato de, além de buscar promover a integração dos aprendizes oriundos de diferentes países, que vêm para o Brasil por múltiplos interesses, cada um marcado por ideais, valores, crenças e costumes distintos, trata da complexidade do ensino linguístico, pois os aprendizes querem saber mais do que questões gramaticais e linguísticas nas aulas, e os materiais didáticos, impressos e digitais disponíveis não atendem aos seus interesses particulares.

O objetivo deste trabalho foi conceder oportunidade de conhecimentos linguístico-socioculturais recorrentes em texto literário sobre o modo de ser e agir de um povo refletido na culinária brasileira, de forma a sensibilizar os aprendizes não só identificarem e reconhecerem os alimentos próprios do cotidiano do brasileiro, mas ainda repensarem as tradições alimentares e suas respectivas crenças que trazem incrustadas em suas história de vida, as quais lhes dão identidade e, desse modo, ter contato, apreender e compreender a identidade do povo cuja língua aprende.

A hipótese orientadora foi usar texto literário como meio de integrar saberes, valores, crenças e interesses dos aprendizes, tendo por delimitação os discursos contidos no texto de modo a suscitar saberes históricos, socioculturais, geográficos, formado e construído pela miscigenação, no caso do Brasil, de três etnias: indígena, europeu, africanos e de outros que adotaram a nação brasileira. Todo esse empenho teve por princípio provocar os aprendizes a entenderem o modo de ser e agir do brasileiro, a fim de que eles pudessem perceber e revelar as diferenças e similaridades linguístico-culturais entre o Brasil e seus países de origem.

O que motivou o estabelecimento do tema ligado à culinária na literatura foi o fato de o regente das aulas indagar, aos aprendizes, sobre o primeiro estranhamento observado ao chegar à São Luís. Os alunos, por unanimidade, responderam que foi a culinária. O diferencial não procedia dos momentos de refeições: café, almoço e jantar, como nomeamos as principais refeições diária; o impacto foi a constante repetição dos alimentos: arroz, feijão e carne no almoço e no jantar dos maranhenses; modo de servir a comida; o modo de nomear os pratos, as frutas, os frutos; e a maneira como são transformados os alimentos do *in natura* aos cozidos, assados ou fritos.

Diante do interesse dos aprendizes pela culinária, foi sugerido a leitura de texto literário: crônica, na qual a culinária estivesse representada. Assim, além de atender aos interesse dos alunos, tematizou a elaboração das aulas de leitura, favoreceu à organização da seleção lexical por campos semânticos, bem como permitiu mediações sobre espaços domésticos e espaços públicos, relações sociais, entretenimentos. É importante destacar a participação de todos os alunos, até aqueles que tinham pouco domínio do português, provocador para de integração nas aulas LPE e no alojamento,

onde estavam morando.

A seleção de texto crônica, para aulas de LPE, deve-se, também, a aproximação de tal texto revelar experiências cotidianas dos brasileiros, permeadas implícitos socioculturais, histórico-geográficos, tal como nas palavras implicadas na crônica “Quitutes da cidade” do maranhense, Astolfo Serra (1965, p. 187-9), transmitem saberes culturais, como reforçar os argumentos de Cassiano Ricardo (1975, p. 167), sobre poesia:

Que é Poesia?

uma ilha

cercada

de palavras

por todos

os lados

Nas aulas de LPE, o ensino assemelha-se à definição do “que é poesia” para Cassiano Ricardo; isto é, uma ilha cercada de palavras, de técnicas, de métodos, de ciências, estratégias; e de situações comunicativas previstas e inesperadas por os lados do conhecimento nas interações socioculturais entre professor e alunos.

2 | METODOLOGIAS E EXPERIÊNCIAS

As ações empreendidas, neste estudo, filiam-se a procedimentos teórico-aplicados e, ao mesmo tempo, associados das atividades propostas nas aulas de LPE, às necessidades dos alunos cujos interesses de aprenderem o português são diferenciadas por estudo, profissão, matrimônio entre outras situações.

As motivações para elaborar material didático para ensino de LPE são suscitadas pelas necessidades dos aprendizes, porque essas atividades não integram os interesses da rotina acadêmica, pois as universidades no Maranhão privilegiam o ensino de língua materna, ou seja, as práticas didático-pedagógicas são voltadas para quem domina os implícitos linguísticos e socioculturais do brasileiro. Para os aprendizes estrangeiros, são necessários explicitar significados e sentidos que estão implicados na linearidade dos textos.

Para adotar procedimentos teóricos e metodológicos adequados às necessidades daqueles que buscam aprender LPE, o ponto de partida foi sugerir que os aprendizes falassem sobre o que mais estranharam ao chegar no Maranhão. Todos afirmaram: “foi a comida, como é cozida e servida”; alguns consideraram estranho os nomes dos pratos, das comidas, das frutas; outros observaram que as comidas têm efeitos religiosos.

Diante desse resultado, o texto literário com teor sobre a culinária foi a crônica: *Quitutes da cidade*, já mencionada anteriormente a autoria. Inicialmente, visava-se

desarticular divergência socioculturais entre os aprendizes; em seguida, visava-se provocar a manifestação de interesses deles, pois tratava-se de uma oportunidade de falarem da vida, da história e do contexto social-econômico-cultural relativos a suas realidades. Nesse contexto, a leitura do texto evidenciado propiciou a participação dos aprendizes, todos falaram sobre o modo de cozinhar os alimentos, de servi-los, além de revelarem sobre seus hábitos culturais, costumes, crenças, sempre relacionando com as ideias do texto base da leitura.

Assim, sugeriu-se a um grupo de aprendizes que lessem individualmente a crônica *Quitutes da cidade*; na sequência, destacassem as palavras e expressões linguísticas desconhecidas; depois relacionassem as comidas por categorias: frutas e cereais; doces e salgados; líquidos e sólidos.

Para auxiliar a leitura, na primeira aula, os aprendizes usaram celular para visualizarem figuras de pratos, carnes, aves, frutas, doces, bolos e, com esse exercício identificaram e diferenciaram os pratos. Na aula seguinte, eles puderam experimentar algumas iguarias como doce de buriti, castanha do Pará entre outros. Em outra aula, foram levados à feira livre para saber como se vendem e compram produtos.

Apresenta-se, a seguir, a crônica que propiciou a realização de aulas intitulada “Quitutes da cidade”.

A cozinha da cidade não oferece grandes pratos, nem é rica de variedades. Predomina geralmente a fartura de pratos à portuguesa. Mas nem por isso, desapareceram de todo os quitutes regionais.

É certo que, nestes tempos, quase ninguém conhece, ali, o decantado “arroz de cuxá”, espécie de angu feito com especial cuidado e que foi, outrora, o prato mais afamado de S. Luís; arroz de cuxá imprescindível em todas as mesas; e que era, como o vatapá baiano, a nota mais popular da terra das palmeiras; casas ricas da terra, dos nobres da cidade, como existia, também, na cuia do pobre e era até apregoado nas ruas por negras respeitáveis.

Esse arroz, de que Aluísio de Azevedo se serviu para uma nota regionalista no seu “O Mulato”, já não existe mais! É outra tradição que desapareceu da cidade histórica. Que pena!

De pratos típicos ainda há as “tortas” de camarão feitas em azeite de gergelim, em frigideiras de barro, com os deliciosos camarões de Alcântara ou Guimarães.

As *paneladas* são brutalmente indigestas, mas deliciosas a valer; os *xambaris*, cozidos típicos; as peixadas de escabeche quente; os leitões de forno. Existem pratos regionais como “casquinhas de jurarás” (muçua ou pequenos quelônios), caranguejos de forno, jaçanãs, com arroz.

Em matéria de doces variados é o cardápio. Doces de “bacuri” de “murici”, de “buriti”, de “cupuaçu”. Cajus-secos, caju em calda.

Quitutes secularmente vencedores como beijus-sicas, beijus, pés-de-moleques, bolos de tapioca. Sorvetes especiais de Jussara (açai), de maracujá do mato, de cajazinho. Não é abundante o uso de doces importados.

Toda casa fabrica seus doces para sobremesa e para as visitas.

E que fartura!

As frutas regionais são variadíssimas. Bananas ótimas, de qualidade e comuns; ananás, abacates, mamão, araçás, jambos, cajus maduros deliciosos. Mangas admiráveis e jacas tão enormes que dariam sobremesa para três famílias.

Atas (frutas de conde ou pinha) bem crescidas e doces. Nada há que desbanque o cardápio de frutas, os saborosíssimos saptotis da cidade, ou as saptotas! São tão perfumadas, tão delicadas ao paladar, que até parecem um pudim, que Deus miraculosamente fabricasse naquelas terras árvores pejadas de frutos maduros. O coco de praia é abundante e barato.

Os pregões de rua passam anunciando a fartura da cidade. É tanta fruta regional que não há como escolher, tal a variedade e a gostosura das mesmas.

Uma fruta é tipicamente solidarista em S. Luís: a melancia. Tempo de melancia é tempo de agradáveis reuniões em certos bairros.

Numerosas famílias vão, por exemplo, à praia do Caju, somente para comer melancia madura, tão maduras quanto maravilhosamente doces. Bocas alegres de jovens felizes mergulham nas polpas vermelhas das melancias na mais popular das gulodices da terra!

Essa crônica evidência na linearidade textual tradições escritas e orais sobre a culinária maranhense, particularmente clara quando se trata de procedimentos de transformações de delícias de pratos; sabores de frutos e frutas; formas de anunciar a venda de produtos e modos de consumir, que aos poucos sofrem modificações, nesses último cinquenta anos, a crônica mantém um teor atemporal.

3 | ESTADO DA ARTE: UMA BREVE REVISÃO HISTÓRICA

Nos estudos envolvendo literatura e culinária, desde Brasil colonial, privilegiam histórias diversas pertencentes a contextos sócio-históricos específicos de escolas, correntes literárias ou documentação histórica sobre costumes, hábitos e modos de o povo brasileiro transformar os alimentos *in natura* em comida de cotidiano. Escritores de períodos literários vários, dos “viajantes à atualidade”, não deixam de arrolar em suas narrativas os registros sobre comidas, festividades, quem faz a comida, como é servida, o que pode ou não ser ingeridos, conforme crenças populares e religiosas. Essas informações estão catalogadas na história popular e científica, cultura, romances, crônicas, poemas; tal como se observa nas pesquisas realizadas por Queiroz (1975), Frieiro (1982), DaMatta (1998). Tendencialmente, esses estudiosos tratam da literatura e culinária, mas não envolvem o ensino de língua portuguesa para nativos, menos ainda para estrangeiros.

Nas publicações de Queiroz (1975), a pesquisadora situa o estudo sobre culinária na literatura portuguesa e brasileira, século XIX, nesse período, a mesa brasileira se

relaciona com a portuguesa, de Eça de Queirós à Machado de Assis, Aluísio Azevedo e Graça Aranha. No século XX, a autora situa a arte da gastronomia no Movimento Modernista, de Mário de Andrade; O Banquete da mesa nordestina, de José Lins do Rego, complementa com “A festa do apetite” nos romances de Jorge Amado, e “O tempo e o vento” de Érico Veríssimo.

Apesar de os estudos realizados por Queiroz (1975) direcionarem a antropologia e sociologia pelos viés da culinária incrustada na literatura, pode-se atribuir à literatura meio ativo de possibilidades de leituras, em que o leitor produz sentidos junto ao texto, decifra palavras, costumes, hábitos, entretenimentos, crenças e consome ideias pela visão do outro e do que ele constata no dia a dia.

Nesse contexto de aspectos relativos à literatura e à culinária, Frieiro (1982) considera-as como artes. A primeira, arte de armazenar os saberes e fazeres em memórias escritas; a segunda, como nona arte, ou seja, a arte de transformar comidas e alimentação por profissionais. Estes, por sua vez, são guiados por crenças e modos de transformar alimentos *in natura* em comida, recorrem às influências de novos hábitos das cozinhas estrangeiras francesa, italiana, inglesa todas foram colocadas na mesma panela na formação dos sabores da culinária brasileira. O pesquisador tece a literatura com fios da história sociocultural dos diferentes povos constituintes da miscigenação brasileira, tendo por suporte prosas e poemas de escritores brasileiros e estrangeiros.

Compõem ingredientes dessa discussão literária e não literária: a casa, a rua e o trabalho sobre comidas e mulheres, entre outras múltiplas situações O que faz o Brasil, Brasil? para o sócio-antropólogo DaMatta (1998). Ao fazer referência aos alimentos crus, o autor menciona que “o cru se liga a um estado natural, ao passo que o cozido se relaciona ao universo socialmente elaborado que toda sociedade humana define como sendo de sua cultura e ideologia” (p.52). Dessa constatação, o autor sublinha a primazia de integrar os fatores relacionados à comida como estratégia de promover e permitir a pensar o mundo sensorialmente, partir da leitura da palavra à leitura de mundo, sem se adotar à leitura como manual de instrução, mas de múltiplos saberes e fazeres. O importante é conhecer a cultura do outro e respeitar o diferente e as diferenças de uma e de outra cultura. Assim sendo, justifica-se integrar ao ensino de língua, literatura e cultura nas aulas.

Portanto, a literatura, se bem explorada e relacionada a conhecimentos de mundo e às demais disciplinas, além da língua portuguesa, pode ser um recurso para atrair a participação dos aprendizes e, ao mesmo tempo, auxiliar reflexões sobre elemento primário que integra parte das necessidades alimentares e intelectuais da capacidade humana e, assim, por meio da construção de sentidos transformar sua realidade dialogar com “outros” textos, culturas e grupos sociais diferentes.

Com essa concepção de diálogo o texto é o lugar das interações e se concebe “como objeto multifacetado, construído nas dinâmicas interativas em que sujeitos constroem sentidos e meio de materialidades linguísticas, elaborações cognitivas de

conhecimento e práticas sociais de uso da língua” (KOCH e ELIAS, 2016, p. 31). Para tanto, o texto sintetiza uma série de códigos culturais, normalmente, tratados em separado: agrupamento social, crença, ideologia, valores, espaços domésticos, manifestações culturais, literatura, posição dos membros da família em casa e em público, esses detalhes quase sempre estão em único texto.

A leitura de texto poético possibilita mediação, conforme Sant’Anna (2009), pois promove interlocução do poético com o texto e com o leitor. Este, em tal condição, deve decidir seu envolvimento; já, o poeta usa estratégias de provocações para um público heterogêneo e, que, os efeitos positivos emergem de ações provocadoras, das formas poéticas usadas para seduzir os leitores.

No cenário de literatura, situa-se o ensino de língua portuguesa e cultura para falantes de outras línguas. Para Almeida Filho (2011), essa modalidade de ensino “existe como prática no Brasil desde o seu início colonial” (p. 93), embora, nesse percurso, tenha-se privilegiado a apreensão sistemática de estruturas linguísticas e respectivas normas gramaticais. O ensino LPE deve ainda abarcar sistema de crenças, saberes, normas, técnicas, hábitos formulados e partilhados historicamente, na e pela linguagem verbal e não verbal, constituído como fator identitário do país, comunidade ou grupo social.

Com ideias similares sobre o ensino de língua e cultura Silveira (2004) versa que a cultura é um “conjunto de tradições e valores que guiam as atitudes das pessoas e pode constituir respostas para seguintes indagações: “quem somos, quem você é, quem ele é, o que pensamos que somos e o que queremos ser?” (p. 152). São essas questões causadoras de embate para a seleção e aplicação do material didático em aula LPE. De um lado, situa-se às dúvidas do regente das aulas; do outro, as expectativas e conflitos dos aprendizes.

Não obstante, a realização de leituras em aulas de LPE como prática de ensino são imprescindíveis para atender a expectativas dos aprendizes. Para Silveira (2000, 2004), a cultura é uma forma de identificação, isto é, implica uma identidade social a qual se constrói, cognitiva e socialmente, mediante as experiências dos sujeitos, ao atribuírem sentidos ao mundo social e interagirem entre si. A significação é relativa ao mundo e seus acontecimentos e é compartilhada por consenso pelos membros de uma mesma comunidade, “pode-se dizer que a identidade cultural de um país é um modo de ser nacional, ainda que haja variedades/variações culturais específicas de cada grupo”, (SILVEIRA, 2000, p. 21).

No que tange à cultura, DaMatta (1998, p. 17) menciona que a cultura exprime precisamente um estilo, um modo e jeito de fazer coisas. Nessa concepção, situa-se o ensino de LPE, busca-se uma unidade na diversidade cultural dos grupos sociais. A possibilidade de encontrar uma unidade extra grupal foi demarcada pela designação lexical da culinária maranhense no âmbito brasileiro (SILVEIRA e NÉLO, 2002). Por conseguinte, o texto literário possibilitou estudo lexical, leitura, construção de sentidos de modo que os aprendizes foram capazes de transformar sua realidade em textos

orais e escritos.

O funcionamento de leitura literária, Sellan e Cury (2018) retomam Takahashi (2014), esta considera três elementos para compreender a elasticidade “[...] do discurso literário e seu lugar social no ensino de uma língua estrangeira: a instância do autor, a do texto e do leitor”. Consecutivamente, o autor capta, explícita e focaliza opinativamente sua visão de mundo; o texto condiciona e viabiliza a conexão entre fatos linguísticos e extralinguísticos na interlocução entre autor e leitor; o leitor constitui o agente da compreensão. Pelos elementos do texto, o leitor aciona seus saberes prévios e completam o diálogo textual do autor.

Diante do exposto, o texto literário foi essencial nas aulas de LPE, para conduzir os leitores pelos caminhos das crenças, saberes, normas, técnicas, hábitos formulados e partilhados historicamente, na e pela linguagem verbal e não verbal.

4 | DISCUSSÕES E RESULTADOS

O texto literário constitui um conjunto nuclear de conhecimentos atribuídos ao modo de ser, agir, revelar e representar saberes e fazeres capazes de caracterizar a identidade de um povo. Da leitura da crônica, colhemos manifestações dos alunos sobre a transformação dos alimentos *in natura* e comida.

De acordo com o relato dos alunos, grãos, sementes, frutas, legumes, verduras, peixes, aves e carnes de vaca, caprinos e ovinos estão também presentes em seus tipos de alimentos; porém, o modo de preparo e consumo é distinto. Para os africanos, quem cozinha são as mulheres, elas preparam todos os ingredientes juntos numa mesma panela, formam grandes pratos com diversidade de produtos, muito coloridos pelos legumes, grãos e pelas verduras.

Para os africanos, a cozinheira é quem primeiro se serve; em seguida, a comida servida numa grande tigela, é dividida: uma tigela para crianças e outra para os adultos, todos sentam em torno, comem com a colher natural “a mão”. Conforme esses alunos os estrangeiros estranham, mas, logo aderem ao hábito de usar a colher natural.

Após essas observações e leitura da crônica, os alunos apresentam um conjunto de palavras e expressões destacadas, as quais se interpuseram entre o conhecido e o novo, como forma de constituir um outro universo de relações sociais, crenças, valores culturais e ideológicas dos aprendizes.

A primeira expressão destacada pelos alunos foi “...não oferece grandes pratos...”. Essa expressão foi compreendida literalmente como dimensão e grandeza do tamanho do prato, pois na cultura deles, todos comem juntos em um “grande prato”.

Destacaram, ainda, “...a fartura de pratos à portuguesa...”. O que chamou-lhes a atenção foi a distância física espacial entre o Brasil e Portugal. Nessa observação, chama-nos a atenção o fato de, para nós, não haver estranhamento sobre isso, posto que não atribuímos à Colônia soberania, não obstante algumas notas históricas perdem-se na bruma do tempo, e não questionamos o que foi posto como natural, ou

seja, o que é da culinária portuguesa foi adaptada como brasileira.

Quanto a “... ‘arroz de cuxá’, espécie de angu...”, essa iguaria não provocou estranhamento, pois os alunos já tinham saboreado. Para eles não faziam sentido as palavras cuxá e angu, à medida que obtinham informações associaram ao “fufu”, espécie de angu que é servido como outras comidas africanas. Após conhecerem a planta que se transforma em angu - espécie de mingau esverdeado que se mistura com o arroz. Os alunos narram sobre a existência de uma planta que as folhas são usadas em comidas salgadas e os frutos põem-se em infusão para tomar com suco, o qual serve para desintoxicar o organismo de quem exagera na comida e/ou bebida.

Eles associaram a vinagreira, com que se faz o cuxá, semelhante à planata bissap comum em Guiné, Senegal e Serra Leoa. De acordo com a pesquisa feita pelos alunos, no google, comprovam que há semelhanças de plantas, frutas e comidas brasileiras com as africanas, o diferencial das comidas situa-se no modo de transformar e na finalidade, diferenciando-se entre alimento e medicação.

Foram ainda assinaladas as expressões “...cuia do pobre...” e “...apregoadado nas ruas...”; a primeira refere-se a pessoas de poucas posses, necessitados; a segunda diz respeito à maneira de divulgar e oferecer informalmente os produtos feitos no ambiente doméstico.

Destacaram também o enunciado “...Aluísio de Azevedo se serviu para uma nota regionalista no seu ‘O Mulato’...”. O nome do escritor maranhense, Aluísio Azevedo, foi motivo de estranhamento e de explosão de curiosidades, pois os próprios aprendizes associaram o nome à religiosidade e que os nomes deles associam também ao Deus Alá.

Diante do exposto é significativo retomarmos Almeida Filho (2011) e Silveira (2004), para esses autores é preciso construir sentidos, além das estruturas linguísticas e normas gramaticais, para que os alunos possam construir significados, tal como se observa em “... serviu para uma nota regionalista no seu ‘O Mulato’...”. Poucos aprendizes estrangeiros conhecem a literatura maranhense, a formação étnica e cultural do povo, menos ainda de “O Mulato”, romance que trata da relação socioeconômica e de como transcorria a miscigenação das três etnias: indígena, europeus e africanos, de cujo resultado genético surge o mulato no romance de Aluísio Azevedo, final do século XIX no Maranhão.

Outra questão que foi observada a partir da leitura da crônica remete-se ao efeito que esta prática trouxe para os professores das aulas, uma vez que também eles passaram a compreender que há possibilidade de adequar o material didático a cada contexto e situação, de modo a verificar que os autores literários recorrem aos marcos das cognições sociais para construir seus pontos de vista que se tornam representativos de valores que circunscrevem liberdade de leitura, documenta época, história, acontecimentos, possibilitando um olhar sobre a cultura.

Em síntese, a crônica *Quitutes da cidade* propiciou o ensino de outros temas não previstos pelos professores como tratar da organização de produtos comestíveis;

da identificação de alguns alunos terem habilidades de trabalhos com culinária; da criação de nomes próprios no Brasil; das formas de tratamento e de cortesias reveladas no cotidiano e por grau de interação em diferentes situação de uso. Os alunos relacionaram também as comidas típicas de seus países, comidas servidas em festividades, rituais religiosos e familiares.

5 | CONCLUSÃO

Essa estratégia, aqui apresentada, propiciou trocas de conhecimentos e interação entre os participantes – alunos e professores; e confirmou que a aprendizagem corporativa no ensino de língua, literatura e cultura congregam teoria à prática em diferentes contextos, ao passo que os aprendizes tornam-se autônomos no uso de vocabulários, na leitura e em situação interacional, ou seja, usam o léxico adequadamente em situação comunicativa e informativa, em momento que tendem a usar a própria cultura para comparar, transformar, combinar e passam a reconhecer estilos e lidar com os contrastes culturais de um grupo em relação ao outro.

A leitura de nomes de pessoas, ocorrentes na crônica, despertou interesses dos alunos saberem sobre a criação de nomes dos filhos, da organização familiar, organização político-territorial do Brasil, meios de transportes, reuniões familiares, porque usam sempre a expressão “meu irmãozinho ou minha irmãzinha”, a partir dessa descoberta os aprendizes abriram os olhos para a nova realidade. De modo a revelar que “aprender Português é ouvir, escrever, falar e aplicar no mundo de verdade”. Isto é, tem de saber por que e para quê devem estudar.

Foi possível confirmar que os textos literários indicam, ainda, caminhos de incursão para tratar da identidade cultural no ensino de língua, na medida em que consolidam os saberes e sabores da comida e do modo de transformá-las no cotidiano da cozinha brasileira/maranhense. Também, foi possível promover a integração dos aprendizes nas aulas, todos falaram sobre hábitos alimentares, costumes, religiosidades, crenças, momentos comemorativos e, sobretudo, da “nossa sociedade”, em espacial dos maranhenses, quanto à primazia alimentar do corpo, a mais regular das expressões do gosto e do sabor “da comida do dia a dia” emolduras nas discussões durante às aulas.

Nesse sentido, observou-se que é necessário conduzir o ensino além do domínio da língua aprendida, sabe-se que a aprendizagem é um processo dos alunos e estes devem ser conduzidos para compreender os elementos que estão subjacentes aos hábitos, costumes e usos mediados pela língua, a fim de que possam interagir em português.

É imperativo evidenciar o posicionamento dos autores, Almeida Filho, Silveira, Sellan, Cury entre outros, sobre o ensino de língua e cultura. Esse deve propiciar meio oportuno para fazer os aprendizes compreenderem sobre a realidade cultural do outro e tomar consciência da cultura de seu grupo social, sem ser aculturado pela do outro,

mas que a cultura de um e do outro convivam continuamente em paralelo.

Neste aspecto, a literatura registra momentos da história que também se assemelha à economia de cada época. Assim sendo, o gostar de uns e dos outros se definem pela identificação sociocultural de sabores peculiares e diferentes que motivam os aprendizes fazer relatos sobre a cultura, as crenças e as expectativas da realidade à qual se encontram. Outras discussões, os textos literários podem promover interesses de leitura, de saberes pessoais e socioculturais desde a transformação dos alimentos. A literatura e a culinária circunscrevem, em suas devidas peculiaridades, modos de ser e de agir do brasileiro em diferentes condições de interações.

REFERÊNCIA

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Fundamentos de abordagem e formação de PLE e de outras línguas.** Campinas, SP: Pontes, 2001. p. 130.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Língua-cultura na sala e na história. In: MENDES, Edleise (Org.). **Diálogos interculturais, ensino e formação em português língua estrangeira.** Campinas (SP): Pontes, 2011. p. 159-172.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** 9 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 128.

FRIEIRO, E. **Feijão, angu e couve.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1998. p. 230.

KOCH, I. G. V. e ELIAS, V. M. *O texto na linguística textual.* In: BATISTA, R. de O. (org.). **O texto e seus contextos.** São Paulo: Parábola, 2016. p. 31-44.

NÉLO, M. J. Aspectos histórico-culturais das Designações da culinária no ensino De PLE/PL2. In: **Anais do I Congresso Internacional de Língua Portuguesa: experiências culturais e linguístico-literárias contemporâneas.** Santiago do Chile, EdUSCH, 2016. p. 542-552.

QUEIROZ, M. J. de. **A literatura e o gozo impuro da comida.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1994. p. 390.

SANT'ANNA, A. R. de. A poesia e os mediadores de leitura. In: SANTOS, F. *et ali.*(Orgs). **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores.** São Paulo: Global, 2009. p. 157-170.

SELLAN, A. R. B. e CURY, V. F. *Fabianos, Sinhás Vitórias: a literatura no ensino de português língua estrangeira.* In: BASTOS, N. B. (Org.). *Língua portuguesa: história, memória e intersecções lusófonas.* São Paulo: Educ, 2018. p. 285-296.

SERRA, A. **Guia histórico e sentimental de São Luís do Maranhão.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1965, p. 187-9.

SILVEIRA, R. C. P. da. Opinião, marco de cognições sociais e a identidade cultural do brasileiro: as crônicas nacionais. In: JÚDICE, N. (Org.). **Português / língua estrangeira: leitura, produção e avaliação de textos.** Niterói: Intertexto, 2000. p. 9-35.

SILVEIRA, R. C. P. da. Implícitos culturais: ideologia e cultura em expressões linguísticas do português brasileiro. In: BASTOS, N. B. (Org.). **Língua portuguesa em calidoscópico.** São Paulo: EDUC, 2004. (Série Eventos). p. 143-158.

SILVEIRA, R. C. P. Da, e NÉLO, M. J. Discurso e expressões linguísticas do português brasileiro: aspectos histórico-culturais nas designações da culinária brasileira. Taubaté-SP, GEL, 2002. (não impresso)

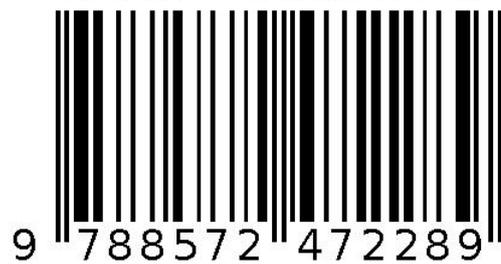
RICARDO, C. **Seleta em prosa e verso**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. p. 167.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-228-9



9 788572 472289